

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Tito Ceccherini direcção musical
Maurizio Baglini piano

16 Out 2021 - 18:00 Sala Suggia

ANO ITÁLIA



casa da música

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Maestro Tito Ceccherini sobre o programa do concerto.
[VIMEO.COM/630928262](https://vimeo.com/630928262)

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Giorgio Battistelli

Afterthought (about a shakespearean tragedy) (2005; c.15min)

Francesco Filidei

Tre quadri, para piano e orquestra (2020; c.34min)*

1. November
2. Berceuse
3. Quasi una Bagatella

PAUSA TÉCNICA

Niccolò Castiglioni

Inverno In-Ver, 11 poesias musicais para pequena orquestra

(1973-78, revisão 1978; c.22min)

1. Fiori di ghiaccio
2. Il ruscello
3. Danza invernale
4. Saltarello
5. La brina
6. Il lago ghiacciato
7. Nenia Prima
8. Nenia Seconda
9. Silenzio
10. Un vecchio Adagio
11. Il rumore non fa bene, il bene non fa rumore

*Estreia em Portugal; encomenda Casa da Música, Milano Musica e Warsaw Autumn.

As vanguardas italianas no final do século XX e no início do século XXI

Este concerto apresenta três obras de referência das vanguardas italianas, encarnando diferentes tendências na produção dos compositores desse país ao longo dos últimos 45 anos. Da influência dos modelos seriais sistematizados por músicos associados aos Cursos de Verão de Darmstadt ao lirismo operático romântico, o programa é um mostruário da multiplicidade de abordagens.

Giorgio Battistelli (1953–) é uma figura incontornável da música de palco contemporânea. Obras como *Experimentum Mundi* e *Richard III* (estreadas em 1981 e 2005, respectivamente) contribuíram para a sua notoriedade nos circuitos internacionais. Nelas, a abordagem a obras marcantes da literatura e uma visão alargada da relação entre música e teatralidade são enfatizadas. Battistelli estudou com Karlheinz Stockhausen e Mauricio Kagel, compositores que transformaram a música de palco na segunda metade do século XX. Na exploração de modelos cénicos inovadores, o espectro de ambos é audível nas obras de Battistelli. *Afterthought (about a shakespearean tragedy)* baseia-se em ideias de *Richard III*, peça histórica de Shakespeare convertida em ópera. Datada de 2005, resultou de uma encomenda da Orquestra Nacional da Academia de Santa Cecília, que a estreou em Roma a 26 de Novembro desse ano, sob a direcção de Antonio Pappano. Misturando elementos retirados de *Richard III* com ideias originais, a obra teve a sua génese nos ataques a Londres a 7 de Julho de 2005. A percussividade, a dissonância e as dinâmicas evocam uma tragédia inglesa do século XXI. *Afterthought* recorre a

uma secção de percussão de grandes dimensões, que desempenha um papel central no desenrolar da narrativa.

Um *crescendo* abrupto marca o início da peça, cuja tensão encarna em agregados dissonantes. A aceleração do tempo intensifica esse ambiente instável, representado por *tremolos* e aglomerados sonoros oscilantes. Os aerofones de metal pontuam figurações de cariz improvisatório de outros instrumentos. *Ostinati* e *portamenti* nas cordas sublinham a sobreposição de camadas nos aerofones, ornamentadas por figurações rápidas das flautas e dos oboés. Um clímax em *fortissimo* é seguido por *crescendi* e *diminuendi* que introduzem uma secção mais lírica e misteriosa. Um movimento lento de melodias sobre notas sustentadas que as cordas apresentam é o cenário para passagens em que a orquestra é tratada como um conjunto de câmara. Nelas, destaca-se a intensa troca de materiais entre os diversos instrumentos numa textura esparsa. Segue-se uma secção em que a aceleração de tempo e as dinâmicas mais intensas lançam o ouvinte num universo aparentemente caótico. A irregularidade métrica e a sobreposição de camadas conduzem a um episódio movimentado em que se destacam os uníssonos das cordas graves com a percussão. Após uma passagem mais estática, o movimento perpétuo regressa, agora na totalidade da orquestra. A atribuição de um papel específico a cada instrumento através dos *divisi* sobrepõe diversos agregados sonoros timbricamente contrastantes que conduzem a obra a um final estático, protagonizado pelas cordas e pela percussão.

Francesco Filidei (1973–) é um dos nomes mais consensuais na criação musical contemporânea. A sua abordagem mistura elementos próprios com práticas do passado, numa obra

de sínteses e tensões. *Tre quadri* é um concerto para piano e orquestra muito particular, que hoje estreia em Portugal. Escrito em 2020, resultou de uma encomenda conjunta da Casa da Música, da Milano Musica (associação italiana que produz o festival homónimo dedicado à música contemporânea) e do Festival de Outono de Varsóvia (uma referência para as vanguardas desde a sua criação em 1956). Filidei é uma presença regular na Casa da Música, que tem apresentado diversas obras de sua autoria pelos agrupamentos residentes. A estreia absoluta de *Tre Quadri*, integrada no Milano Musica, deu-se no Teatro alla Scala dessa cidade a 22 de Setembro de 2021. Os intérpretes foram a Orquestra Sinfónica Nacional da RAI, dirigida por Tito Ceccherini, com Maurizio Baglini ao piano. Assim, o Porto assistirá a uma apresentação da obra pelo maestro e pelo solista que fizeram a sua estreia absoluta.

Tal como os concertos solistas do Classicismo e do Romantismo, *Tre Quadri* encontra-se dividido em três andamentos contrastantes. Paralelamente, o compositor associa a obra ao *Tríptico* de Puccini, no qual três óperas encarnam ambientes muito distintos submetidos ao mesmo gesto conceptual. O contraste de estados emocionais alternados pontifica no primeiro andamento, à semelhança de *Il Tabarro*, enquanto o ambiente intimista de *Suor Angelica* define o segundo quadro. O concerto termina com um andamento “burlasco, quase circense, como algumas atmosferas de *Gianni Schicchi*.” Assim, Filidei sobrepõe o lirismo dramático do realismo italiano à expressividade do concerto clássico.

A textura esparsa e o timbre cristalino dos agudos do piano marcam o universo glacial de “November”. Os trilos do pianista sobrepõem-se a efeitos que imitam o vento gélido nas trompas, sobre a pontuação da percussão. As cordas

agudas fazem a sua entrada de forma sucessiva, adensando a textura sonora. Uma atmosfera estática caracteriza a obra, perturbada pelas intervenções do pianista nos graves, que lhe conferem um movimento ondulante. A contração e distensão do âmbito do piano marca o andamento, que aproveita as ressonâncias de forma a criar um campo sonoro rico em harmónicos. A narrativa do solista é interrompida por interjeições verticais e irregulares da orquestra. A presença mais continuada da orquestra acelera e adensa a textura de “November”. No andamento, Filidei integra elementos de algumas obras de sua autoria, reforçando a ligação do concerto com o passado recente e longínquo. A regularidade aparente de um episódio prepara uma cadência solista, um espaço de fantasia e liberdade, à maneira dos concertos clássicos. Acentuações pelo agrupamento intensificam o momento e conduzem a uma secção em que alguns instrumentos duplicam as melodias angulares do solista em uníssono. Uma textura estilizada de marcha, marcada pela orquestra, emerge. A percussividade e a exploração do contratempo conduzem “November” ao final.

A nota que termina o andamento anterior é a primeira de “Berceuse”, uma canção de embalar soluçante que explora os registos extremos do piano. A progressiva regularidade métrica torna-se a base na qual o material temático é variado, à maneira da *Berceuse*, op. 57, de Chopin. A estilização de texturas do passado desemboca num episódio remanescente da abordagem pontilhística de Anton Webern. Nela, os agregados definem-se timbricamente e concentram-se, progressivamente, numa nota.

O Concerto termina evocando a herança de Beethoven nos 250 anos do seu nascimento. “Quasi uma Bagatela” foi apresentada autonomamente por Pierre-Laurent Aimard e pela Orquestra Gürzenich, a 9 de Fevereiro de

2020. O andamento lança muitas pontes para as obras de Beethoven. Uma exposição afirmativa reproduz o espírito do andamento final dos concertos clássicos. O solista entra com uma nota que será repetida e alternada com os elementos da orquestra. Aqui, o humor de Filidei cristaliza-se numa espécie de caos sonoro entre o clássico e o contemporâneo, focando no exagero burlesco. A dinâmica em *crescendo* é acompanhada por frequências que se tornam mais agudas, à maneira das orquestrações de Beethoven. Figurações estilizadas do Classicismo e elementos de células retiradas de obras famosas do compositor do passado alimentam um andamento em que a dissonância e a repetição se apresentam através do *tutti* orquestral. A assimetria e a vivacidade rítmicas traduzem-se na alternância entre pausas e notas isoladas, criando um efeito cômico que prepara a aceleração e o *crescendo* finais.

O espectro do serialismo e pós-serialismo permeia a obra de **Niccolò Castiglioni** (1932-1996). Tendo frequentado os Cursos de Verão de Darmstadt e leccionado em vários países, regressou a Itália em 1970. Estabeleceu-se então como importante pedagogo, contribuindo para a formação de compositores destacados como Alfio Fazio, Aldo Brizzi e Esa-Pekka Salonen. *Inverno In-Ver* foi escrita em 1973 e revista em 1978. A primeira versão da obra estreou em Paris, a 1 de Outubro de 1974. O título evoca vários sentidos. Do Inverno de *As Quatro Estações* de Vivaldi a *in verità* (em verdade), passando pela inversão (técnica muito usada por Webern, uma grande influência de Castiglioni), é um enigma a resolver. Remetendo para o Modernismo vienense, *Inverno In-Ver* é um conjunto de meditações para agrupamento de câmara que estabelece uma relação particular entre o erudito e o popular.

O caos sonoro de “Flor de gelo” prepara a entrada do piano. O compositor privilegia timbres metálicos e registos agudos nesta passagem, reforçada por *ostinati*. A sobreposição dissonante de melodias de sabor tradicional prepara as intervenções dos aerofones de bocal que, auxiliados por instrumentos de percussão de metal, conduzem a um final suspensivo. Uma melodia sinuosa interpretada pelas flautas retrata “O regato”. A adição de camadas, a sobreposição de elementos assimétricos e a vitalidade rítmica remetem para a emancipação desse parâmetro no Modernismo, em especial no estilo de Stravinski e Bartók. Em “Dança de Inverno”, pontifica a vivacidade. Os *ostinati* leves e os *portamenti* fundem-se num registo encantatório. A inclusão esparsa do piano contrasta com as texturas de fanfarra e as melodias angulares do clarinete. A rarefacção da textura caracteriza uma secção final contemplativa e de timbres brilhantes. A dança tradicional encontra-se presente em “Saltarello”, onde um solo de flauta marca a atmosfera rústica das festas populares italianas, sublinhada por frases periódicas e sobreposição de elementos dissonantes que conduzem a uma secção final caótica. “Geada” tem início com notas agudas. Os violinos apresentam materiais em contraponto numa textura em que a repetição transmite uma ideia de estatismo e circularidade. As ressonâncias e os harmónicos agudos interagem com escalas cromáticas interpretadas pela percussão em “O lago gelado”. Nele, o piano pontua regularmente as figurações dos aerofones mais agudos, apresentando melodias diatónicas sobre contextos dissonantes, conduzindo a um final abrupto. A “Primeira canção de embalar” foca as figurações do piano solista, apoiado pela percussão, criando um efeito de caixa de música numa secção que submerge em *pianissimo*.

A atmosfera etérea e luminosa pontifica em “Segunda canção de embalar”, uma miniatura circular. Em “Silêncio”, os agregados sonoros emergem e submergem separados por pausas, criando uma massa sonora quase sobrenatural e sem direcção. Os arpejos marcam o início de “Um velho adágio”, uma secção em que pontifica a melodia da percussão. A adição de outros instrumentos reforça uma passagem lenta e pontilhista unificada pelo material sonoro primordial. À sobreposição de contextos dissonantes e timbres distintos segue-se um *ostinato* vivo, conduzindo a um final em que se ouve o eco das fanfarras. O piano e a percussão concluem a passagem. “O ruído não faz bem, o bem não faz ruído” é uma textura que se contrai e distende de forma mais ou menos dissonante. Nela, emergem pontualmente elementos identificáveis, baseados em células repetidas. Um curto interlúdio protagonizado pela percussão prepara o agregado sonoro que antecede o toque final dos sinos.

JOÃO SILVA, 2021

Tito Ceccherini direção musical

Um dos maestros mais eminentes e profundos da sua geração, Tito Ceccherini destaca-se pela lucidez e pela versatilidade com que aborda o repertório. Intérprete aclamado do repertório moderno, dedicou-se às obras clássicas do século XX: de Bartók, Debussy e Ravel a Schoenberg, Webern e Ligeti. O seu trabalho no domínio da ópera revela também uma inclinação para o início do século passado, um conhecimento profundo do melodrama italiano e uma atenção especial ao *belcanto*, provando a sua capacidade de conciliar propriedades estilísticas e uma sensibilidade moderna. É também reconhecido pelas interpretações de óperas de Mozart e pelas estreias de novas obras.

Tito Ceccherini dirige frequentemente grandes orquestras como as Filarmónicas da Rádio França, da Rádio Holandesa e do Scala de Milão, a Sinfónica da BBC e a Philharmonia de Londres, as Sinfónicas HR de Frankfurt, WDR de Colónia e SWR de Estugarda, a Deutsche Radio Philharmonie, a Filarmónica de Tóquio, a Sinfónica Nacional da RAI, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra do Teatro La Fenice em Veneza, a Orquestra de Milão Giuseppe Verdi, a OSI em Lugano e agrupamentos prestigiados como o Ensemble intercontemporain, o Klangforum Wien, o Ensemble Modern e o Contrechamps, entre muitos outros.

Convidado frequente do Festival d'Automne em Paris, tem sido aclamado em teatros como a Opernhaus de Zurique (Ligeti: *Le Grand Macabre*), a Opéra National de Paris (Fénelon: *La Cerisale*), o Teatro Bolshoi (Puccini: *Turandot*), o Théâtre du Capitole de Toulouse (Bartók: *O Castelo do Barba Azul*; Dallapiccola: *Il Prigioniero*; Berlioz: *Béatrice et Bénédicte*; Mozart: *O Rapto do Serralho*), a Ópera de Frankfurt (Stravinski: *Rake's Progress*; Janáček: *Da Casa*

dos Mortos; Bellini: *I Puritani*), a Philharmonie de Paris (Haydn: *Il Mondo della Luna*), o Grand Théâtre de Genève, o Teatro La Fenice em Veneza (Krenek: *Cefalo e Procri*; Battistelli: *Riccardo III*), o Teatro San Carlo em Nápoles, o Teatro Colón em Buenos Aires, o Nationaltheater Mannheim (Donizetti: *Maria Stuarda*; De Majo: *Alessandro*), o Tiroler Festspiele em Erl (Mozart: *A Flauta Mágica*), a Ópera de Rennes (Donizetti: *Don Pasquale*) e em palcos prestigiantes como o Festival de Lucerna, o Suntory Hall em Tóquio, a Philharmonie de Berlim e o Teatro alla Scala.

A discografia de Tito Ceccherini (Sony, Kairos, Col legno, Stradivarius, etc.) inclui gravações premiadas com o Choc de Monde de la Musique, o Diapason d'Or e os Midem Classical Awards.

Maurizio Baglini piano

Pianista visionário com gosto pelos desafios musicais, Maurizio Baglini desenvolve uma intensa carreira internacional como concertista. Ganhou o World Music Piano Master de Monte Carlo, aos 24 anos, e apresenta-se regularmente na Accademia Nazionale di Santa Cecilia, no Teatro alla Scala de Milão, no Teatro San Carlo de Nápoles, na Salle Gaveau de Paris, no Kennedy Center de Washington e em importantes festivais como La Roque d'Anthéron, Festival de Piano de Yokohama, Festival Australiano de Música de Câmara e Festival Internacional de Piano de Bergamo e Brescia.

A sua discografia para a Decca/Universal abrange música de Liszt, Brahms, Schubert, Domenico Scarlatti, Mussorgski, o ciclo *Live at Amiata Piano Festival* e os cinco primeiros CD da integral para piano de Schumann.

É um dos poucos virtuosos do mundo que toca a Nona Sinfonia de Beethoven na transcendente transcrição para piano de Liszt, tendo em 2020 ultrapassado a centena de interpretações desta obra. Criou o projecto inovador “Web Piano”, no qual as suas apresentações são acompanhadas por projecções de vídeo pelo artista Giuseppe Andrea L'Abbate. Toca regularmente com a violoncelista Silvia Chiesa, com quem já fez mais de 250 recitais pelo mundo.

Maurizio Baglini é director artístico do Festival de Piano Amiata e consultor artístico para música e dança do Teatro Comunale “Verdi” de Pordenone. Em 2019, foi nomeado Membro Honorário da Aiarp, a Associação Italiana de Afinadores e Restauradores de Pianos.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Christian Zacharias maestro convidado principal

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, estando programada para 2021 a sua primeira actuação na emblemática Philharmonie de Colónia. Ainda este ano, apresenta um ciclo dedicado às sinfonias de Sibelius e novas encomendas da Casa da Música aos compositores Luca Francesconi, Francesco Filidei e Carlos Lopes.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de

Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020) e Peter Eötvös (2021), além de obras de compositores portugueses e da integral dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Martyn Jackson
 Álvaro Pereira
 Ianina Khmelik
 Tünde Hadadi
 José Despujols
 Vladimir Grinman
 Emília Vanguelova
 Andras Burai
 Evandra Gonçalves
 Vadim Feldblioum
 Roumiana Badeva
 Alan Guimarães

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
 Nancy Frederick
 Tatiana Afanasieva
 Catarina Martins
 Karolina Andrzejczak
 Lilit Davtyan
 Domingos Lopes
 Pedro Rocha
 Francisco Pereira de Sousa
 Mariana Costa
 Paul Almond
 Nikola Vasiljev

Viola

Marko Milenkovic*
 Anna Gonera
 Rute Azevedo
 Biliiana Chamlieva
 Emília Alves
 Francisco Moreira
 Hazel Veitch
 Luís Norberto Silva
 Jean Loup Lecomte
 Theo Ellegiers

Violoncelo

Vicente Chuaqui
 Irene Alvar
 João Cunha
 Sharon Kinder
 Michal Kiska
 Hrant Yeranosyan
 Bruno Cardoso
 Aaron Choi

Contrabaixo

Florian Pertzborn
 Jorge Villar Paredes
 Tiago Pinto Ribeiro
 Joel Azevedo
 Altino Carvalho
 Slawomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
 Alexander Auer
 Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
 Telma Mota*

Clarinete

Carlos Alves
 Gergely Suto
 João Moreira

Fagote

Gavin Hill
 Robert Glassburner
 Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
 José Bernardo Silva
 Hugo Carneiro
 Eddy Tauber
 Bohdan Sebestik

Trompete

Sérgio Pacheco
 Luís Granjo
 Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
 Dawid Seidenberg
 Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
 Paulo Oliveira
 Nuno Simões
 Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan

Piano

Luís Duarte*

Celesta

Vítor Pinho*

Acordeão

João Barradas*

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

